FAIXAS E CARTAZES

Mais transtornos para o trânsito

Além da poluição visual, propaganda irregular pode causar acidentes nas vias do DF

Lizoel Costa

Marcos Brandão

IRREGULARIDADES – Faixas na beirada da rua, em frente ao Setor Hoteleiro Sul (acima), anunciam curso e show, dispersando a atenção dos motoristas. Abaixo, outra propaganda de show interfere na atenção e até na visão de quem trafega pelo local

Brasília e as cidades-satélites parecem fadadas a ter de suportar a poluição visual – além do risco de acidentes de trânsito – provocada por faixas e cartazes de propaganda colocados em suas ruas, a despeito do trabalho incessante da Agência de Fiscalização (Agefis). Durante todo o ano, equipes do órgão percorrem o DF, recolhendo essas publicidades, que vão de lançamentos imobiliários, passando por chamadas de shows musicais, ofertas de alimentos, saldão de automóveis e até financeiras oferecendo financiamentos para funcionários públicos.

De acordo com Georgiano Trigueiro, diretor da Agefis, o trabalho das equipes começa com o recolhimento das faixas até chegar à aplicação de multas às empresas responsáveis por elas.

– Não são poucas as multas que aplicamos a cada mês, mas, por incrível que pareça, muitos comerciantes aceitam as multas, porque acreditam ser vantajosa a divulgação de seus produtos por meio das faixas – afirma.

Apertando a fiscalização

Os locais preferidos das empresas que propagandeiam seus produtos são as grandes avenidas do Plano Piloto, como a W3, tanto Norte quanto Sul, Via Epia ou EPNB. Para Trigueiro, a Agefis teria mais fôlego para realizar outras fiscalizações prioritárias, mas tem que gastar toda a sua estrutura limpando, durante o ano inteiro, essas grandes vias.

– A coisa aperta mais ainda no final do ano, quando essas empresas, ou mesmo pessoas, querem chamar a atenção para seus produtos ou serviços, em virtude de gastos que terão com o 13º de seus empregados. Por causa disso, desde novembro, apertamos mais a fiscalização e aumentamos o efetivo de equipes nas ruas para não dar descanso aos poluidores – garante.

Trigueiro diz que existe uma lei que determina a proibição de colocação de propaganda em vias públicas.

– As leis 3.035 e 3.036, de 18 de julho de 2002, tratam das propagandas no espaço urbano de forma que não comprometam as escalas de tombamento de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade. Por isso, todos têm que ter consciência que as faixas não podem ser utilizadas para propaganda nesses locais – alerta.

Prejuízos ao trânsito

Trigueiro lembra que seria preciso criar mecanismos mais fortes para coibir os abusos, pois as multas não resolvem o problema.

– Não são só comerciantes pequenos que transgridem a lei, a gente recolhe faixas de propagandas de grandes redes de supermercados e lojas de departamentos instaladas no DF – acrescenta.

O diretor da Agefis lembra ainda que o trabalho de recolhimento desse material é feito com o apoio de outros órgãos do GDF.

– Se fosse depender só do nosso efetivo humano, seria impossível fazer um trabalho mais consistente. Temos que apelar para o auxílio de outros órgãos do governo que nos dão apoio nessa empreitada, para o recolhimento dessas faixas e a emissão dos autos de infração – alega.

Trigueiro adianta ainda que, além da transgressão visual que as propagandas causam no espaço público, ainda há os problemas que elas acarretam para a visualização do trânsito pelos motoristas que trafegam nas vias públicas do DF.

– Nós já recolhemos faixas enormes colocadas ao lado de retornos das avenidas e vimos que em muitos desses lugares era impossível o motorista enxergar o carro que vinha em lado contrário para fazer a conversão. Não tenho dados oficiais, mas garanto que já houve muita batida por conta disso – argumenta Trigueiro.

Dificuldade de multar

Gerente de fiscalização da Agefis, Cláudio Caixeta diz que só nas duas últimas semanas foram recolhidos mais de três mil cartazes e faixas de propagandas das ruas do DF. Esse número, segundo ele, soma-se aos mais de 15 mil que já foram recolhidos nos últimos três meses.

– Nós sempre apertamos a fiscalização em épocas de grandes datas, como o Dia das Mães e o Dia dos Namorados, quando as empresas aumentam as propagandas de seus produtos.

Caixeta observa que a grande dificuldade, ao recolher o material, é emitir o auto de infração.

– Na maioria das faixas só encontramos o número do telefone e nenhuma referência de quem é o responsável por ela naquele local. A gente só consegue emitir 10% do total do material apreendido – reconhece.

O gerente de fiscalização da Agefiz diz que as grandes redes de supermercados e os feirões de automóveis são constantemente multados por colocar propaganda em espaço público.

– Empresas como o Extra, Carrefour ou os atacadões de automóveis são constantemente multados, mas voltam a colocar propaganda, porque é infinitamente mais barato do que anunciar na mídia. Quando recebem as multas, eles recorrem, acabam perdendo, mas aí já se passaram três meses. Eles pagam, mas sai muito mais em conta – ironiza Caixeta.

> “Nós já recolhemos faixas enormes colocadas ao lado de retornos e vimos que era impossível o motorista enxergar o carro que vinha em lado contrário
>
> Georgiano Trigueiro, diretor da Agefis

> “Na semana passada, às 6h da manhã, vi uma moto com o bagageiro cheio de material de propaganda. Eu a segui
>
> Antônia Leomízia Pereira, presidente do Conselho Comunitário da Asa Norte

Guerra

Batalhadora incansável na luta contra a poluição urbana, Antonia Leomízia Pereira, reconduzida esta semana, para mais uma gestão de dois anos, à presidência do Conselho Comunitário da Asa Norte, não consegue pensar em administrar o conselho sem colocar como uma das prioridades do seu trabalho a guerra contra a poluição visual de sua região e de outros espaços do DF. Por conta dessa obstinação, Leomízia acabou se tornando uma ativista que não poupa esforços para reverter o trabalho dos poluidores.

– Na semana passada, às 6h da manhã, estava saindo de casa e notei uma moto, com duas pessoas e o bagageiro cheio de material de propaganda. Por curiosidade, segui a moto e vi que os ocupantes do veículo estavam fazendo o trabalho de emporcalhar a cidade com faixas de variados tipos. Não tive dúvidas: os segui e retirei as mesmas de locais como viadutos e tesourinhas, onde eles as colocavam – assegurou.

Revoltada, Leomízia sempre realiza esse trabalho e, entre os materiais recolhidos, ela separa alguns que têm serventias diversas.

– Empresas como a Net e a Brasil Telecom, às vezes, usam tecido de morim para colocar suas propagandas. À medida que vou recolhendo, repasso esse material para instituições de caridade, que usam para fazer roupas e acessórios – revela, acrescentando que a lei deveria ser mais dura com esse tipo de ação contra a beleza e o patrimônio público.